

## JULIO CORTÁZAR E O CUIDADO

Grazielle Costa  
Doutorado/UFF  
Orientadora: Livia Reis

O artigo propõe uma leitura dos contos *Llama el telefono*, *Delia*, *Cartas de Mamá e Final de Juego*, de Julio Cortázar, a partir do cuidado. Filha bastarda da teoria feminista, a ética do cuidado tem se desenvolvido, de modo lento e intermitente, com o apadrinhamento da teoria política normativa, especialmente no que tange às concepções processuais de justiça, democracia e cultura. Este olhar sobre as relações humanas tem ecoado com mais ênfase nas pesquisas em educação, em saúde e na sociologia da família. Nos estudos literários, o cuidado, enquanto referencial teórico (até onde minha pesquisa inicial alcançou indicar), tem contribuído pouco para o discurso crítico literário. Neste contexto, o trabalho desenvolvido nas próximas linhas é uma tentativa de pensar os fundamentos e limites críticos da ética do cuidado com o apoio da literatura de Julio Cortázar.

A partir de uma provocação de Simone de Beauvoir, no segundo volume de *O Segundo Sexo*, aceitei o desafio de entender as relações de cuidado fora do espaço da literatura de autoria feminina. No final da década de 1940, a pensadora francesa declara, sem desvios, a dificuldade da escrita literária feminina de ultrapassar os limites da experiência social autorizada às mulheres em meados do século XX. Com justiça, ressalta o valor literário de Emily Brönte, Katherine Mansfield e Virginia Woolf. Contudo, sem rodeios, diz que “nenhuma mulher escreveu *O Processo*, *Moby Dick*, *Ulisses ou os Sete Pilares da Sabedoria*” (DE BEAUVOIR, 1976: 626). Isto se devia, na visão de Simone de Beauvoir, ao fato de que apenas no decorrer do século XX as mulheres começaram a assumir plenamente a condição humana, rompendo com os interditos sociais, morais e culturais que as confinavam a um espaço limitado do viver e do sentir. Neste sentido, a dimensão universal da experiência humana estava acessível exclusivamente a alguns homens. As mulheres, em contrapartida, apenas podiam experimentar e, portanto, falar desde o particular. Tal distinção se expressa nas

produções literárias de homens e mulheres, com vantagem indiscutível para as escritas masculinas.

A ética do cuidado, nos trabalhos de Nancy Chodorow e Carol Gilligan, confronta esta ideia de que o universal se define exclusivamente a partir da experiência masculina. De acordo com estas pensadoras, homens e mulheres são diferentes, pois experimentam processos de socialização distintos. Não há, portanto, qualquer primazia das experiências masculinas sobre as femininas. O problema do pensamento moderno (nas ciências, nas artes, na política e na guerra) tem sido ler a experiência dos homens no espaço público como a norma social, ou seja, como um espelho do universal. A pretensa inferioridade das experiências femininas, inclusive da escrita literária, decorre da incompreensão das bases morais, sociais e culturais que fundamentam as ações e expectativas das mulheres. O objetivo de Chodorow e Gilligan é descrever e valorizar essa diferença feminina, a qual chamam de ética do cuidado.

Os valores que regem as interações no espaço público refletem um modelo de pensamento e conduta moral identificado com a socialização masculina. Separação, autonomia, impessoalidade, competição e equidade definem a ética da justiça, esperada como comportamento na esfera pública. Por outro lado, conexão, interdependência, empatia, cooperação e assimetria caracterizam as relações no espaço privado, moldadas pela ética do cuidado. Tal ética constitui a identidade moral e social feminina. Deste modo, as experiências no espaço público não esgotam a condição humana, mas constituem uma dimensão das possibilidades de agir, pensar e sentir em sociedade. No espaço privado, em que a ética do cuidado prevalece, a outra face da experiência humana, ocultada pela hegemonia do modelo de ética da justiça, se realiza na solidão e no silêncio. A separação entre os espaços público e privado, legitimada por uma leitura específica das diferenças entre os sexos, sedimentou incomunicabilidade entre ambas as éticas, fragmentando a experiência humana.

Na nossa leitura, Simone de Beauvoir reconheceu os limites desta fragmentação, denunciando como a separação entre o público e o privado empobreceu a nossa capacidade de narrar o humano. Entretanto, a própria De Beauvoir reforça esta separação ao reconhecer a superioridade das experiências do espaço público em relação às do espaço privado. Assume que o caminho para as escritoras, e para as mulheres de uma forma geral, se encontrarem com o universal é a conquista do espaço público, negando os vínculos estabelecidos com o privado. Ou seja, toma a ética da separação

como norma, defendendo o afastamento das mulheres das experiências do cuidado. A ética do cuidado, neste sentido, oferece uma fundamental contribuição ao desconstruir a separação entre público e privado, problematizando a universalidade do comportamento valorizado e esperado na esfera pública.

Por outro lado, as defensoras da ética do cuidado têm sofrido críticas contundentes em relação às suas premissas. Ao propor descrever e valorizar as experiências do cuidado, pensadoras como Chodorow e Gilligan continuam a operar a partir do binômio homem/mulher, naturalizando e universalizando uma leitura particular de gênero. Ou seja, assumem que homens e mulheres, independentemente de outros cruzamentos identitários (de classe, de etnia, de região, por exemplo), constituem-se a partir dos mesmos fundamentos. Neste sentido, são acusadas, a meu ver justamente, de essencialistas. Isto é, reificam o lugar do feminino e do masculino, dificultando o diálogo e empobrecendo a reflexão crítica sobre as estratégias de poder que operam neste lugar. Outro problema da ética do cuidado é o compromisso com a valorização da experiência feminina em detrimento da masculina, o que resulta em uma romantização politicamente perigosa das relações de cuidado. Isto significa dizer que grande parte das escritas do cuidado, intencionalmente, enfatiza o que seriam os aspectos “positivos” do cuidado (sacrifício, solidariedade, generosidade e afeto), mascarando o poderia parecer “negativo” (violência, poder, inveja, raiva, manipulação). Ao negar a ambivalência do cuidado, as autoras despolitizam seu enunciado, bem como reforçam os limites impostos para o pensamento e a ação femininas.

Este último ponto me leva de volta à Simone de Beauvoir e a suas hipóteses para a necessidade das escritas das mulheres falarem a partir de um lugar esvaziado de sentido humano. Segundo De Beauvoir, tal fato decorre da falta de liberdade das mulheres para falarem sem hesitação e mediação. “Para se tornar um criador não basta ser culto; é preciso que a cultura seja apreendida através do livre movimento da transcendência; é preciso que o espírito com todas suas riquezas se lance através de um céu vazio que lhe cabe povoar” (DE BEAUVOIR, 1976: 628). As mulheres não podem transcender o que não lhes foi permitido conhecer. Não podem criar outra linguagem se a que aprenderam permanece ocultada. Simone de Beauvoir afirma, ainda, que “os homens que chamamos de grandes foram aqueles – que de uma forma ou outra – puseram o peso do mundo sobre seus ombros” (DE BEAUVOIR, 1976: 628). Assim, ao narrarem as experiências do cuidado talvez falte às mulheres este peso das contradições,

do que ainda não dito, do que sufoca demais para admitir. Na visão De Beauvoir, as mulheres não são menos corajosas e geniais que os homens, mas precisam ainda enfrentar outra batalha. “Enquanto ela tiver ainda que lutar para se tornar um ser humano, não saberá ser uma criadora” (*Ibidem*: 629).

Assumo o desafio de Simone de Beauvoir, reatualizando seu argumento, na segunda década o século XXI, através da leitura da transcendência do cuidado em Julio Cortázar. Por entender que Cortázar integra a categoria de “grandes homens” descritos por De Beauvoir, tomo-o como laboratório de elaboração de meu pensamento crítico sobre o cuidado. A realidade em forma de labirinto de significados de Julio Cortázar será reduzida, cortada e até desmerecida pelo olhar incompleto das relações de cuidado. Não é o objetivo deste trabalho traçar fronteiras definitivas para literatura livre e mutante do escritor argentino a partir de um aporte teórico feminista marginal, acusado de essencialista e ingênuo. Contudo, o espaço complexo dos contos é usado como uma ferramenta de ampliação das possibilidades de entendimento da experiência humana, confrontado ambiguidades, limites e potencialidades na relação entre o “eu” e o “outro”. Antes de ingressar na análise dos contos, apresento uma breve revisão dos fundamentos da ética do cuidado.

### **Entendendo o cuidado na fronteira entre privado e público**

Na perspectiva da ética do cuidado, o desenvolvimento da esfera pública burguesa, nas sociedades nacionais modernas, dependeu do confinamento doméstico das experiências humanas de empatia e interdependência. A vida pública sedimentou as relações de troca em termos de racionalidade instrumental, competição e separação. A ética dos fins, no trabalho e na guerra, exaltou a independência do sujeito moderno, individual ou nacional. O “outro” tornou-se um problema, devendo permanecer sempre afastado das fronteiras do “eu”, mantidas a partir da acumulação de recursos de autoexaltação e de proteção. Em contrapartida, o espaço privado (não público), onde “eu” e “outro” interagem, em trocas assimétricas e ambíguas, foi invadido pelo silêncio. Esta divisão nada tem de natural ou aleatória. É resultado de projetos políticos de poder específicos, que trazem para a esfera pública, o lugar da deliberação coletiva e da coerção estatal, aqueles assuntos que interessam ao grupo que almeja e alcança o poder político.

Um dos pilares desta história é a separação entre as esferas pública e privada. De acordo com Carole Pateman, autora de *O Contrato Sexual*, de 1988, as bases teóricas para distinção entre os espaços público e privado se encontram em John Locke. Pateman tem razão ao afirmar que para formular a grande narrativa moderna do contrato social, Locke descreveu um anterior “contrato sexual”, que serviu de sustentação para suas teses sobre filosofia política. O limite do espaço público, para Locke, é a porta da casa, refúgio da vida doméstica. O filósofo inglês insiste na distinção entre o poder político (típico do acordo entre homens livres e iguais – o tal contrato social) e o poder exercido pelo *pater familias* no âmbito doméstico. Para que os direitos naturais à liberdade e à igualdade, pressupostos da agência pública, possam se realizar, o indivíduo deve ter assegurada sua propriedade privada, sobre a casa e tudo que ela contém, inclusive as mulheres, os empregados, agregados e filhos menores.

A teoria de Locke também mostra como as esferas pública e privada estão fundamentadas em princípios opostos de associação que são exemplificados na condição conflitante de mulheres e homens; a subordinação natural se define em oposição ao individualismo livre. A família é baseada em laços naturais de sentimento e de sangue, e na condição sexualmente definida de esposa e marido (mãe e pai). A participação na esfera pública é regida por critérios universais, impessoais e convencionais de êxitos, interesses, direitos, igualdade e propriedade – critérios liberais, aplicáveis apenas aos homens (PATEMAN, 2013: 58-59).

A narrativa do contrato social separou homens e mulheres, assumindo que eles eram legítimos participantes da esfera pública e elas pertencentes ao espaço privado. Homens almejam as condições de liberdade e igualdade na esfera pública, mensurando seu sucesso a partir da capacidade de se afirmarem como sujeitos autônomos, que gozam de direitos garantidos pelo Estado e são reconhecidos e respeitados pelos outros homens. As mulheres, por sua vez, buscam a proteção no espaço da casa burguesa realizada nas tarefas do cuidado. Trabalham pela manutenção dos vínculos entre os que estão na casa, costurando pelo afeto e pelo medo a rede que dá sentido à família. Sabemos que a maioria dos homens não conquista a condição de sujeito pleno de direitos na esfera pública, submetendo-se a violentas e desiguais relações, regidas pelos abusos dos poderes econômico e político. Do mesmo modo, a maior parte das mulheres deve combinar suas funções domésticas de cuidado com o trabalho precário no espaço público. Embora não tenha funcionado rigidamente na prática, a fronteira sexual

simbólica entre o público e o privado constitui um entrave ideológico à problematização das complexas relações entre a casa e a rua.

Carol Gilligan (já sob a influência da segunda onda feminista, que sustentou o caráter culturalmente construído das diferenças entre os gêneros) descreveu uma importante consequência deste processo de separação simbólica entre os espaços público e privado. Gilligan, nos anos 1980, chama atenção para processos de socialização e desenvolvimento moral distintos a que mulheres e homens são submetidos, desde a primeira infância. A partir da observação clínica do desenvolvimento psicológico de meninos e meninas, dentro de um grande projeto de mapeamento dos estágios de desenvolvimento moral conduzido por Lawrence Kohlberg, a psicóloga coloca em xeque as conclusões da pesquisa que assumiam que as mulheres eram moralmente mais imaturas do que os homens. O pressuposto para julgar a inferioridade moral das mulheres se baseava no fato de que as meninas não alcançavam promover a separação entre seus próprios interesses e os interesses dos outros, bem como experimentavam dificuldade em hierarquizar os problemas e soluções em termos de concepções abstratas de justiça.

Gilligan revisa as repostas das meninas e das mulheres aos questionários de Kohlberg, demonstrando que o problema que ali se verificava decorria da interpretação do pesquisador e não das escolhas das entrevistadas. A pesquisadora identifica que meninas e meninos realizam escolhas morais distintas porque partem de visões diferentes sobre o que seria certo ou errado. Os meninos são educados para julgarem em termos de escolhas racionais, considerando o dilema moral uma equação matemática, que admite uma única e melhor opção. As meninas, por sua vez, entendem que os conflitos morais surgem por falhas na interação entre os envolvidos, de modo que não surge uma resposta pontual como resolução do dilema, mas uma proposta de conexão que se mantenha no tempo. “As imagens contrastantes de hierarquia e rede no pensamento das crianças sobre conflito moral e escolha ilustram duas visões de moralidade, que são complementares e não sequenciais, nem opostas” (GILLIGAN, 2013: 90).

As duas formas de julgamento moral, denominadas por Gilligan “ética da justiça” e “ética do cuidado”, integram a experiência humana de homens e mulheres ao longo de toda vida. Isto significa dizer que a identificação das mulheres com cuidado e dos homens com a justiça não está na biologia. Contudo, processos de socialização e

educação distintos têm levado as mulheres a priorizarem as funções do cuidado, especialmente ligadas à experiência de maternagem, dentro do espaço privado. Os homens, por sua vez, são estimulados a buscarem a impessoalidade e a competição na esfera pública. Neste sentido, estabelece-se uma separação entre as relações privadas, centradas na interconexão e cuidado entre os membros, e as relações públicas, moldadas pela competição entre indivíduos em um contexto de direitos e deveres apriorísticos.

As experiências de desigualdade e interconexão, inerentes à relação de pais e mães com os filhos, dão origem à ética da justiça e do cuidado, aos ideais das relações humanas – a visão de que a própria pessoa e o outro são tratados com igual valor, que, apesar das diferenças de poder, as coisas vão ser justas; a visão de que todos terão resposta e serão incluídos, que ninguém será deixado só ou sofrerá. Essas visões diferentes em sua tensão refletem as verdades paradoxais da experiência humana - de que nós só nos conhecemos como separados na medida em que vivemos em conexão com os outros, e que vivenciamos as relações apenas na medida em que diferenciamos os outros de nós mesmos (GILLIGAN, 2013: 118).

A diferença, neste contexto, não é o problema, de forma que as interações que estabelecemos com o mundo a nossa volta são atravessadas por estes dois modelos éticos. A questão que se coloca e que tem sido foco da crítica feminista é a desvalorização das relações moldadas pela ética do cuidado, especialmente aquelas centradas nas experiências das mulheres no âmbito doméstico. Isto tem levado as feministas a insistirem na necessidade de proteger as relações de cuidado, politizando o pessoal. Algumas vão ainda mais além, afirmando que os valores do cuidado, interdependência e cooperação empática, devem servir para reformular as interações na esfera pública, potencializando uma cultura de diálogo. Todavia, esse compromisso com a emancipação feminina tem limitado seus aportes, aparando arestas e apagando contradições inerentes à própria experiência humana.

A simples presença das mulheres no espaço da palavra pública impressa não esgota as possibilidades de construção de sentido das experiências humanas femininas. A luta para arrombar as portas do poder e do dinheiro dos homens tem consumido tanta energia das mulheres que pouco, ou quase nenhum, tempo sobra para a reflexão, a observação e a criação em torno do mundo privado, suas relações e visões. Entender essas relações de cuidado, a partir de seus paradoxos, como uma forma de interação intrinsecamente humana, pressupõe ampliar as nossas lentes para entender melhor os



gozos e violências desta experiência radical de encontro entre o eu e o outro. Acredito que é este o caminho percorrido pela literatura de Julio Cortázar, que transcende o que sabemos que é e o que esperamos que seja o mundo do cuidado.

### **A inversão dos papéis de cuidado e cuidador em *Llana el teléfono, Delia***

Em *Llana el teléfono, Delia*, a personagem protagonista sofre pela ausência do ser querido que deseja cuidar. Delia nega o abandono pela espera de que o vínculo se reconstrua. Apesar de dilacerada em sua dignidade e em um estado de melancolia profunda, Delia resiste na esperança de que o telefone toque. Necessita do cuidado de Sonny, de sua voz, que a desperte para o sentido de continuar, de manter o vínculo, costurando mais uma vez a teia do cuidado do filho e de si. Delia experimenta a solidão, mas não pode estar sozinha. Como uma mulher presa psicologicamente ao fio do cuidado, permanece em casa, alimenta e limpa o filho, olha o relógio, revisita a foto de Sonny, ouve a poesia do blues no rádio, faz vigília junto ao telefone. Sonny não pediu que ficasse, não forçou sua presença ao lado do telefone, mas ela assim o decidiu. Experimenta uma clausura voluntária em nome da reconstrução da relação de afeto com o ser amado. O que Sonny havia feito com ela não era justo. Ele não merecia seu amor e seu cuidado, mas isso não importa. Sonny é ela e ela é Sonny. Sabe que ele vai retornar pelo telefone.

Quando ele finalmente regressa, através do telefone, Delia dissimula a frieza e a convicção de quem quer separar Sonny de sua vida. A insistência de Sonny pelo perdão anuncia que a separação não é uma possibilidade para os dois. A vida de Delia mantém-se entre dois mundos que se retroalimentam: o mundo público, das relações com os outros que estão fora da rede de cuidado e afeto; e o mundo íntimo, compartilhado com Sonny. Como mãe solteira, cabe a Delia um caminho difícil, talvez apenas suportável porque o telefone sempre pode tocar. No mundo de fora, “la voz del locutor, cerimoniosa, alababa con elocuencia un nuevo modelo de automóvil: moderno, económico, sumamente veloz” (CORTÁZAR, 2008: 54). No mundo de dentro, o blues toca entre sete e quinze e sete e meia.

*Llana el teléfono, Delia* enfoca a relação de cuidado entre uma mulher e seu parceiro amoroso. Se o parâmetro para julgar esta relação for a ética da justiça, não há como negar a assimetria, cabendo a Delia maiores responsabilidades na manutenção



da relação. A iniciativa de ruptura é feita por Sonny, que desaparece no espaço público. Delia não pode segui-lo, pois tem a casa e o filho para cuidar. Entretanto, tomando como base o cuidado, a relação entre Delia e Sonny pode ser descrita como simétrica, na medida em que as posições de cuidador e cuidado se alternam, sem prejuízo para a conexão entre os dois. Delia mantém o telefone, paga por ele, permanece em vigília sempre quando o relógio marca sete e quinze. O amor que sente por Sonny e a necessidade de tê-lo em sua vida, simultaneamente, aprisiona e liberta. Sonny telefona porque depende do perdão, do amor de Delia, para seguir adiante. Delia, na posição de poder sobre Sonny, tenta agredi-lo ao afirmar o seu desprezo, manipulando o seu próprio sentimento, para puni-lo com a separação. Neste momento, Delia, ligada a Sonny, transfere seu sofrimento a ele. Ao final, reforça a Sonny que ele mantém-se conectado a ela, àquela casa e àquela família. Também ele reafirma o vínculo, regressando no tempo do cuidado (às sete e meia) após ser baleado na rua às cinco da tarde.

### **A memória do cuidado em *Cartas de Mamá***

Em *Cartas de Mamá*, a invasão do cuidado perturba Luis, um homem de aparente sorte: “la vida era sorprendentemente fácil, el trabajo pasable, el departamento bonito, las películas excelentes” (CORTÁZAR, 2008: 238). Havia, ainda, Laura, a mulher amada, e Paris. Luis alcança o que almejam os homens de seu tempo: liberdade e propriedade. É um bem-sucedido participante da esfera pública burguesa. Contudo, não pode escapar das cartas da mãe. Tudo desmorona quando chegam as cartas, pois estas atestam que a “liberdade é condicional”, sempre ameaçada pela presença do cuidado da mãe. Tal presença o leva para outro tempo, o da memória, e o prende ali sem piedade: “(...) las cartas de mamá eran siempre una alteración del tiempo, un pequeño escándalo inofensivo dentro del orden de las cosas que Luis había querido y trazado y conseguido, calzándolo en su vida como había calzado a Laura en su vida y a París en su vida”. (*Ibidem*: 233-234).

O indivíduo Luis, separado da família, deseja e trabalha para afirmar-se no competitivo mundo da vida pública. Afasta-se do lugar que o diminuía, que o inferiorizava em afeto e carisma diante do irmão. Parece livre da inveja e da culpa que o consumiram nos anos em que viveu, sempre à margem e à sombra, no povoado em que

nasceu. Contudo, havia a mãe, aquela mulher que mantinha o vínculo de Luis com sua memória, enviando cartas de progenitora preocupada e zelosa, contando fatos banais da vida simples de quem não havia conquistado o mundo, mas que tinha todo o poder de impedir que Luis também o fizesse. As cartas da mamãe não agridem, não tocam em temas delicados, não trazem lágrimas e lamentos, nem tampouco pedem alguma coisa. Apenas chegam para atestar que o passado não passou, que os mortos não morreram e que Luis continua a ser o segundo, o menor.

O cuidado é, ao mesmo tempo, afago e tortura. Mostra que a mãe não havia desistido do filho, apesar de tudo. Por outro lado, as cartas dissimulam o golpe de misericórdia da mãe contra o filho: a citação aparentemente fortuita do nome de Nico, o irmão mais querido, que aprisiona Luis à memória das relações familiares. Imerso na certeza de sua inferioridade em relação à Nico, Luis sofre pela falta de amor de Laura e da mãe. O tempo da memória, no cuidado materno, impede a separação de Luis de seu passado de culpa, ressentimento e inveja. O vínculo, mantido pelas cartas, torna sem sentido as escolhas do indivíduo que, imobilizado e autopunido, sente-se um intruso no espaço da relação de afeto.

### **O poder no cuidar em *Final del Juego***

Em *Final del Juego*, a narradora-personagem e duas irmãs, Holanda e Letícia, estabelecem uma relação de cuidado na transição da infância para a adolescência. Neste conto, as três irmãs rompem o limite da casa, deslocando-se para a margem da ferrovia, onde realizam uma brincadeira que as torna cúmplices na descoberta de um mundo novo. Na casa, Letícia recebe tratamento diferenciado por ser portadora de uma deficiência física, que limita seus movimentos. A menina é dispensada dos serviços domésticos, dos quais as outras duas devem participar. Os supostos privilégios de Letícia não geram revolta nas irmãs, que percebem a deficiente como inferior e, portanto, controlam a relação. Fora da casa, contudo, a assimetria é rompida. As três se comportam como iguais na brincadeira de estátua, em que a dificuldade de mobilidade de Letícia não é percebida. “Nos alegramos mucho con Holanda porque Leticia era muy buena como estatua, pobre criatura. La parálisis no se notaba estando quieta, y ella era capaz de gestos de una enorme nobleza” (CORTÁZAR, 2008: 537-538).

O jogo é o mundo particular das irmãs, seu segredo, o que reforça os laços de cuidado entre elas. Entretanto, tal mundo é invadido por um admirador externo, o jovem rapaz Ariel, que se debruça na janela do trem para vê-las. As três meninas mergulham juntas no processo de descoberta da sexualidade, partilhando o olhar do outro. A tranquilidade desta descoberta é rompida com a declaração de que Ariel prefere Letícia. Invejando a posição de favorita da irmã deficiente, as duas irmãs se insurgem contra a inversão do poder dentro da relação, acusando Letícia de aproveitar-se de sua situação de deficiente, bem como depreciando Ariel por escolhê-la. Mostram que a proteção de Letícia está condicionada à manutenção da balança de poder entre elas.

Lo primero que se nos ocurrió sentenciar fue que Ariel era un idiota, pero no podíamos decirle eso a Leticia, pobre ángel, con su sensibilidad y la cruz que llevaba encima (...). No nos molestaba el papelito de Ariel, desde un tren andando las cosas se ven como se ven, pero nos parecía que Leticia se estaba aprovechando demasiado su ventaja sobre nosotras. Sabía que no le íbamos a decir nada, y que en una casa donde hay alguien con algun defecto físico y mucho orgullo, todos juegan a ignorarlo empezando por el enfermo, o más bien se hacen los que no saben que el otro sabe (*Ibidem*: 539).

Apesar da mudança na relação de cuidado, com a inesperada projeção da superioridade de Letícia sobre as irmãs, o jogo continua até que Ariel decide descer do trem para conhecê-las. A partir desta iniciativa, as duas irmãs sentem medo e alívio. Temem pelo sofrimento e, mais ainda, pela libertação de Letícia. Contudo, ficam aliviadas porque o jogo se aproxima do fim, para o melhor (a restauração do poder sobre Letícia através do cuidado) ou para o pior (a separação definitiva entre as irmãs). Letícia, no controle da situação, decide, simultaneamente, pela separação e pela conexão. Renuncia ao contato físico com Ariel, mas força o encontro deste com suas irmãs. Pede que as irmãs entreguem a Ariel uma carta lacrada. Durante o encontro entre os três (Holanda, a narradora e Ariel), em um ambiente frio e impessoal, as duas irmãs confirmam que Letícia havia assumido o controle da relação. Apenas a carta de Leticia interessa a Ariel, o que atesta que outra relação de afeto havia sido cultivada e que as duas irmãs não faziam parte dela.

A relação entre Letícia e as irmãs é marcada pela ambiguidade do cuidado. O amor as leva a cuidar umas das outras, a partilhar segredos e expectativas, criando um ambiente psicologicamente seguro, no qual as três se sentem acolhidas. Este amor, entretanto, não é incondicional, mas dependente de uma específica distribuição de

poder. A narradora e Holanda dominam a relação porque não possuem deficiência física e podem criar as regras do jogo, que mantém Letícia em posição de inferioridade. Apesar de incomodadas, aceitam os privilégios de Letícia porque assim reafirmam sua superioridade sobre a irmã deficiente. Quando um terceiro alheio à relação desestabiliza essa distribuição de poder, as irmãs tornam-se mais violentas na defesa de sua posição, explicitando a perversidade de seu cuidado sobre Letícia. Ao abandonarem a proteção da casa, alcançando o espaço público, as irmãs aprendem que devem renegociar sua relação no limite entre separação e interconexão.

### **O cuidado como proposta de relação**

A proposta deste artigo foi atualizar os enunciados de Simone de Beauvoir e de Carol Gilligan sobre a experiência feminina, recuperando e problematizando seus aportes críticos através da leitura do cuidado em Julio Cortázar. Em *Llama el teléfono*, *Delia*, *Cartas de Mamá* e *Final de Juego*, as relações de cuidado rompem com a retórica maniqueísta, explorando possibilidades humanas ambivalentes. O que Cortázar ensina, e que me parece indispensável para interpretar o mundo privado, é que ética do cuidado não é um lugar fixo em oposição ao mundo de fora (a ética da justiça ou o discurso dos homens). A proteção do “colo da mãe”, a imagem dominante do cuidado, é um espaço de tensão permanente do qual o sujeito não pode escapar. A relação de Luis com sua mãe em *Cartas de Mamá* ilustra essa ideia. O amor, a preocupação e o ato de entrega ao outro se realizam na presença sufocante e sádica de uma relação que impede que o ser cuidado redefina os limites de sua subjetividade. Há algo de alentador e acolhedor no fato de que o outro está no espaço de definição da subjetividade do “eu”, de que o sujeito não está sozinho diante do enigma da vida. Por outro lado, é também opressor e violento ser invadido, com força desproporcional à própria vontade, pela presença da visão, do interesse e do poder do outro. O cuidado entre as três irmãs é um exemplo desta ambiguidade.

A literatura de Cortázar transporta-nos para o espaço mais profundo de realização do cuidado, que não se restringe ao mundo das relações entre mães e filhos, mas passa as formas mais diversas de interação humana. As relações de cuidado expressam uma tensão permanente entre partilha e domínio, afeto e violência, cooperação e competição. São, simultaneamente, expressões do poder com e do poder

sobre o outro. Assim, não devem ser entendidas como um caminho linear na direção da salvação do sujeito, mas como uma relação atravessada por discursos e práticas de poder. Isto é, como uma forma de conexão que implica pactos contínuos e flutuantes entre o eu e outro, oprimidos e libertados no cuidado, que se movem no cruzamento entre conexão e separação.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe II*. Paris: Gallimard, 1976.

CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley: University of California Press, 1999.

CORTÁZAR, Julio. *Cuentos Completos/I*. Bogotá: Punto de Lectura, 2008.

GILLIGAN, Carol. “Imagens da Relação”. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. *Teoria política feminista – textos centrais*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013, p.81-120.

\_\_\_\_\_. *Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

LOCKE, John. *Dois Tratados do Governo Civil*. Lisboa: Edições 70, 2006.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. *Teoria política feminista – textos centrais*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

PATEMAN, Carole. “Críticas Feministas à dicotomia público/privado”. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. *Teoria política feminista – textos centrais*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013, p.55-80.

\_\_\_\_\_. *The Sexual Contract*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

ROGERS, Chrissie & WELLER, Susie. *Critical Approaches to Care: understanding caring relations, identities and cultures*. London: Routledge, 2013.